

MACUNAÍMA: AS POSSIBILIDADES DE TRADUÇÃO E A INTERTEXTUALIDADE

Elzbieta Szoka

Cada tema convida determinada aproximação teórica e vice versa. Nesta comunicação, cujo tema é a viabilidade de *Macunaíma*, visto como um “texto cultural brasileiro” , em outra cultura, o que me interessa é primeiramente o leitor e o autor/leitor. Para entender os desejos e os mecanismos de defesa desenvolvidos em relação ao texto pelo leitor, assim como para entender a situação do autor/leitor no processo de criação, de apoio e inspiração servem aqui os preliminares da teoria de “ansiedade da influência” de Harold Bloom, a qual pretendo usar sem ansiedade... É uma pena *Macunaíma* não ter sido incluído no famoso livro de Bloom *The Western Canon*, já que existe uma boa tradução do romance para o inglês. Se tivesse sido o caso, é provável que Bloom tivesse atribuído a grandeza de *Macunaíma* ao fato de Mário de Andrade ter “citado” abundantemente, abertamente, orgulhosamente e alegremente vários textos mais ou menos consagrados, entrando desse modo na comunidade de “efebos fortes” que reconhecem a sua falta de originalidade. Na famosa “carta aberta” a Raimundo Moraes publicadada no *Diário Nacional* de São Paulo a 20 de setembro 1931 Mário de Andrade escreve:

“(...) Confesso que copiei, copiei às vezes textualmente. Quer saber mesmo? Não só copiei os etnógrafos e os textos ameríndios, mas ainda, na ‘Carta pras Icamíabas,’ pus frases inteiras de Rui Barbosa, de Mário Barreto, de cronistas portugueses coloniais, e devastei a tão preciosa quão solene língua dos colaboradores da *Revista de Língua Portuguesa*.”

Uma curiosidade ligada à situação de *Macunaíma* hoje que, por sua natureza desvairada agradaria certamente a Mário de Andrade, é que o universalismo desse romance continua a manifestar-se mais através de numerosos estudos da obra andradiana realizados internacionalmente e menos através do número de traduções literárias dela ou quaisquer empreendimentos artísticos como adaptações teatrais e cinematográficas. Devido ao tema desse ensaio cabe deixar ao lado as especulações puramente pragmáticas sobre a natureza dos mercados editoriais geralmente desconfiados da originalidade artística, uma atitude que às vezes foge da regra e traz resultados inesperados, isso é, traz lucro em troca de arte e não apenas em troca de mais um produto comercial reconhecido pelo mercado. Seria este o tema de uma outra apresentação de perfil bibliográfico.

Portanto a questão de “accessibilidade” de *Macunaíma* tanto para o leitor brasileiro como para o leitor estrangeiro não deixa de ser relevante para quem se propõe a analisar a relação entre leitor e a obra, na tradição um tanto antifundamentalista de “reader’s response”. Além disso, a “desejabilidade” da obra para o leitor brasileiro e estrangeiro também deveria ser examinada e juxtaposta com a intencionalidade do autor/leitor. A “accessibilidade” é entendida aqui pragmaticamente e tem que ver com a experiência e situação do leitor. A “desejabilidade” é entendida como uma possível aceitação do texto como “Outro” na medida em que o “Outro” se parece, quase como um reflexo no espelho, com o leitor ou com as expectativas dele. Essas duas questões, que vou chamar tentativamente de “accessibilidade” e “desejabilidade” referir-se-ão principalmente ao leitor médio, por mais variada que seja essa categoria em sociedades diversas. Parafraseando Frank Kermode, poder-se-ia dizer que é esse o leitor “ordinário” que se satisfaz com a “fabula” e a mensagem facilmente decifráveis. Portanto, devido ao fato de *Macunaíma* conter, além da fábula acessível para todos, um sujeito acessível para leitores “especializados”, também será levada em conta a classe dos artistas e intelectuais que formam uma espécie da

“Internacional”, compartilhando valores e sensibilidades similares, independentemente do país de origem. Outra vez parafraseando Kermode, são esses os “overreaders”, os leitores, que têm tempo para decifrar os segredos que a narrativa contem.

Embora ligadas à questão pragmática dos mercados editoriais, a “accessibilidade” e a “desejabilidade” da obra literária estão também vinculadas diretamente ao tema desse ensaio que é a viabilidade de *Macunaíma* em uma outra língua e cultura. Neste caso trata-se do *Macunaíma* em polonês, na Polônia dos anos oitenta, no auge de uma espécie de guerra civil conhecida oficialmente como lei marcial, imposta pelo general polonês Jaruzelski para evitar uma possível confrontação armada com a então União Soviética. A tradução polonesa de Ireneusz Kania foi publicada em 1983, numa fase de isolamento do país quando pouco entrava para o país e pouco saía dele. Deve ser essa a razão de a tradução do Kania não ter sido incluída entre outras traduções na excelente edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez.

Antes de ser publicada a primeira e, até agora, a única tradução de *Macunaíma* em polonês já tinha conhecimento da obra andradiana graças à adaptação cinematográfica de Joaquim Pedro de Andrade. O filme passou nos cinemas poloneses nos anos setenta e influenciou a minha escolha da carreira profissional. Embora Joaquim Pedro de Andrade ofereça uma leitura bastante diferente do “caráter nacional” daquela que emana das páginas do livro, alguns traços do “herói sem nenhum caráter” que percebi da adaptação cinematográfica encontrei novamente no romance, durante a minha primeira visita no Brasil alguns anos mais tarde. A leitura “engajada” do Joaquim Pedro de Andrade é comentada por Ismail Xavier em um excelente estudo “Macunaíma: the Delusions of Eternal Childhood”.

Muito foi dito sobre a “transferência cultural” que acontece no processo da tradução de “textos culturais” como *Macunaíma*. As melhores traduções são aquelas que não têm medo de “fugir” do original e de certa forma “corrigi-lo”, como dizia Borges. Entre as traduções

comentadas na edição de Ancona Lopez as melhores são aquelas que, além da transposição conteudística demonstram uma vivacidade e flexibilidade da linguagem. Poder-se-ia supor que o processo de transposição cultural e linguística ofereceria um desafio consideravelmente menor aos tradutores, cujas línguas nativas são espanhol, italiano ou francês. De fato, segundo a avaliação publicada na mencionada edição, as melhores traduções de *Macunaíma* foram a tradução do mexicano Hector Olea e do francês Jacques Thiériot. Nos dois casos o discurso poético da rapsódia é preservado na medida em que se procura e inventa equivalências nos regionalismos, provérbios e expressões populares na língua/cultura dos destinatários. A controversa tradução do Hector Olea cria uma visão “globalizadora” da América Latina e apresenta o herói descaracterizado como sulamericano e não unicamente brasileiro. A tradução “transcultural” de Jaques Thiériot é inspirada pela linguagem rabelaisiana.

Na tradução de Ireneusz Kania o humor e a linguagem do original encontram um equivalente nos regionalismos e na sabedoria popular remanescente da região montanhosa do sul da Polônia. Em um país relativamente monolítico que é a Polónia hoje, os habitantes dessa região, “górale”, conseguiram preservar a sua diversidade. “Górale”, cuja ocupação tradicional tem sido a criação de ovelhas, a música, o artesanato, e produção de queijos, são homens e mulheres independentes, dotados da capacidade de sobreviver qualquer cataclismo, desconfiados e ao mesmo tempo extrovertidos, valentes e às vezes preguiçosos, práticos e ao mesmo tempo sentimentais, religiosos e abertos aos prazeres diversos que traz a vida.

É certamente um grupo étnico mais “exótico” na Polónia, com o qual o resto da população gosta de identificar-se procurando raízes perdidas ou diluídas por diferentes fases de dominação alheia. É também um dos grupos mais afluente hoje em dia graças aos parentes espalhados pelo mundo, principalmente nos Estados Unidos e no Brasil. O folclore dessa região tem muitas semelhanças com o folclore dos eslovacos, na fala, e com o dos húngaros na música,

fortemente influenciada pelos tziganos. Devido à resposta emocional e ideológica que evoca a cultura dessa região em qualquer polonês, a escolha da língua e cultura reminscente dos “górale” como vernáculo foi perfeitamente justificada enquanto à transposição cultural, oferecendo equivalências adequadas aos “jogos” andradianos em *Macunaíma*.

Valendo-se da linguagem e dos “mitos historicizados” reminscentes dessa região, Kania conseguiu preservar a fábula e até certo modo o sujeito da obra, o que explica a popularidade entre os leitores (a edição foi esgotada rapidamente) e a favorável recepção crítica. O fator “político” também contribuiu no processo. No auge da lei marcial que causou traumas profundos aos poloneses dos dois lados das barricadas, foi muito atrativa a idéia de malandragem como forma de resistência e também como fonte de riso, ou pelo menos, sorriso naquele período escuro.

Vários pesquisadores da obra andradiana destacam como anti-norma a “Carta pras Icamiabas” devido ao seu caráter epistolar, contrastante com o resto da narrativa oralizada. Como já foi dito no início deste ensaio, o próprio Mário de Andrade na famosa “carta aberta” a Raimundo Moraes ostenta a sua “predileção citacional” e indica as numerosas fontes de citações. Além de ser um capítulo chave para quem se propõe o estudo da intertextualidade em *Macunaíma*, a “Carta pras Icamiabas” é também uma espécie de “manifesto” onde a auto-referencialidade da obra inteira está condensada.

O capítulo oferece uma “intertextualidade secreta” que é “accessível” e “desejável” para o leitor “especializado” .e é um exemplo do conceito hegliano onde a tese (a tradição cultural e linguística do colonizador) e a antítese (a tradição cultural do colonizado) desembocam numa visão do mundo e numa linguagem carnavalizadas e sicrétizadas, “accessíveis” e “desejáveis” para o “leitor ordinário. “A carta pras Icamiabas” é portanto uma síntese que contém o representacional, o mítico, o mágico e o popular, ao mesmo tempo debatendo e intelectualizando a sua própria textualidade.

Enxertado exactamente no meio do livro esse capítulo foi definido pelo autor de “intermezzo”, cunhado com “milhares de intenções”. Como observa Maria Augusta Fonseca

“nesse intermezzo da rapsódia o foco narrativo se transfere do contador, cantador, rapsodo, para o herói(....)” que é “(...) inculto, semi-analfabeto, um tanto perplexo frente ao mundo letrado que acaba de adotar, impressionado com o poder da palavra escrita.”(279)

.Empregando o pastiche e a sátira nesse jogo entre os elementos “exóticos” e expropriados que pertencem à realidade do colonizado e os elementos da “cultura erudita” do europeu, Mário de Andrade descaracteriza o herói mais uma vez. Nesse caso a descaracterização é feita através da própria linguagem do herói que “macaqueia os heróis alheios” (284). Desta forma o herói descaracterizado, perplexo frente ao mundo letrado que tenta imitar é um exemplo do “efebo fraco” da teoria de Bloom. Ao contrário do Mário de Andrade, o “efebo forte” que antropofagicamente admite a sua inclinação “citacional” , Macunaíma é perdido na textualidade própria e alheia. É também patético nos seus esforços ansiosos de macaquear o “Outro” ou de servir-lhe de espelho. Seguindo essa hipótese, uma das “milhares de intenções” do Mário podia ter sido uma declaração da “inevitabilidade da influência” para qualquer “contador” que pode ser enfrentada com ansiedade (Macunaíma) ou sem ela (Mário). Já que cada moeda tem dois lados é possível que Macunaíma contador e Mário de Andrade autor/leitor sejam inseparáveis como elementos integrantes de uma noção maior que é o processo creativo.

Devido ao caráter da “Carta pras Icamíabas”, a tradução desse capítulo para qualquer língua apresenta o maior desafio. No caso da tradução polonesa, Kania integrou o pastiche da linguagem arcaica remanescente da antiga nobreza, remetendo “saudosamente” o leitor polonês

aos tempos da grandeza do país na época da República da Nobreza (“szlachta”). Essa época gloriosa (1569-1795) foi sucedida por mais de um século de divisões do país entre “os vizinhos” e um período de guerras e insurreições. O discurso empregado por Kania na “Carta pras Icamias” é remanescente dos discursos dos romances históricos poloneses sobre os tempos da nobreza e lembra também a linguagem dos clássicos daquele período de grandeza perdida. Esses discursos “eruditos” da Carta contrastam com o resto do romance onde domina a oralidade. Inserindo-os no tecido das oralidades e expressões um tanto arcaicas também, típicas das lendas populares do sul da Polônia, o tradutor construiu desse modo um texto familiar “acessível” e “desejável” para o leitor polonês e remetendo-o aos tempos e regiões, que evocam saudade e geram “mitos historicizados”, criou um equivalente extratextual do “texto cultural brasileiro”.

Na segunda edição crítica de Ancona Lopez dois artigos chamaram a minha atenção por razões “geográficas”: “Macunaíma entrevisto das Oropas” de Sarka Grauová de Praga e “As palavras em jogo. Macunaíma e o enredo dos signos” de Ettore Finazzi-Agró de Roma. Nos dois artigos compara-se as complexidades da obra brasileira com os romances escritos na mesma época na assim chamada “Europa dell’Este” ou vizinhança. Sarka Grauová compara *Macunaíma* com *A vida tumultuosa de Lazik Roitschwantz* do autor russo Ilia Ehrenburg. O livro narra as andanças circunstanciais do herói que sai do ambiente familiar (marginalizado e periférico) para confrontar o ambiente desconhecido do mundo moderno da “civilização de máquinas”. Ettore Finazzi-Agró menciona no seu artigo o livro de Robert Musil *Homem sem qualidades*, referindo-se a ele como “espelho da realidade ainda multi-racial e multi-cultural do Império Austro-Húngaro”. O sul da Polónia faz parte da Galícia, que durante muitos anos integrava o Império Austro-Húngaro, e conseqüentemente comparte vários aspectos da cultura popular e da memória coletiva com outros territórios integrantes do Império, incluindo as comunidades judaicas do livro de Ehrenburg, espalhadas pela região.

Na literatura polonesa, a visão do mundo que Mário de Andrade propõe em “Macunaíma” encontra o seu equivalente ou quase-equivalente na visão irreverente do Witold Gombrowicz, para o qual a **juventude** e a **falta de maturidade** no sentido mais amplo dessas palavras foi uma espécie de cartão de visita. Os temas de juventude e imaturidade, que equivalem aqui à contestação descontraída dos padrões exaustos, foram expressos metaforicamente em vários livros de Gombrowicz, crítico da ignorância, intolerância e de mau gosto. Além das idéias iconoclastas e irreverentes, a preocupação com a linguagem levou o autor a “brincar” com as normas linguísticas e com estilos literários, convidando o leitor a refletir sobre as possibilidades de ruptura com as noções estabelecidas do universo “um tanto esclerótico” dos adultos.

Geralmente a revisão de idéias efetua-se nas obras de Gombrowicz através dos jogos de linguagem literária que proporcionam, na grande medida, o “conteúdo”. São diversos os jogos literários do grande trickster polonês que escreveu a maioria das suas obras na Argentina. Argentina o fascinou justamente “por ser mais jovem do que a Polônia”. Em todos os livros de Gombrowicz abundam o pastiche, os neologismos e fugas constantes do polonês padrão da época.

Se *Macunaíma* que é um “texto cultural brasileiro” para citar Ettore Finazzi-Agró, e é também um documento do Modernismo brasileiro, o livro de Mário de Andrade não pode deixar de ser visto como parte de uma engrenagem maior, dos movimentos artísticos no mundo ocidental em crise, entre as duas guerras mundiais. Os livros dos autores citados que podem ser comparados com a obra brasileira da mesma época oferecem provas desse vínculo transcendental que se manifesta no relativismo ideológico e na auto-referencialidade desses textos. Intencionalmente ou não, essas duas características de modernidade foram desenvolvidas na rapsódia de Mário de Andrade para além das fronteiras e normas modernas. Continuam atrativas hoje para as sensibilidades post-modernas. É também o caso de Musil que está sendo

redesoberto pelo mundo acadêmico e editorial e é o caso do Gombrowicz cuja obra é hoje considerada quase-canone.

Elzbieta Szoka

Columbia University

New York

Obras Citadas

Ancona Lopez, Telê Porto, coordenadora. *Mário de Andrade. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica. Coleção Arquivos, 1983 (primeira edição): 279-284 XXXX (segunda edição)

Bloom, Harold. *The Western Canon*. New York: Riverhead Books, 1994

Finazzi-Agró, Ettore. “As palavras em jogo. Macunaíma e o enredo dos signos” em *Mário de Andrade. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. (segunda edição crítica)

Fonseca, Maria Augusta. “A carta pras Icamíabas” em *Mário de Andrade. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. (primeira edição crítica): 279-284

Grauová, Sarka. “Macunaíma entrevistado das Oropas” em *Mário de Andrade. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. (segunda edição crítica)

Kania, Ireneusz, tradutor. *Macunaíma*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1983

Kermode, Frank. *The Art of Telling: Essays on fiction*. Cambridge: Harvard University Press, 1997

Xavier, Ismail. *Allegories of Underdevelopment. Aesthetics and Politics in Modern Brazilian Cinema*. University of Minnesota Press, 1997.